

# Mulheres em resistência e o mito da histeria feminina: a representação feminina ao longo da história em frente à ideologia dominante

*Larissa do Prado Martins<sup>1</sup>*  
*Suzana Cavaleiro de Jesus<sup>2</sup>*

doi.org/10.47585/dil.ens.aprend.03

## Introdução

Este trabalho busca refletir sobre a disparidade de gênero e as dificuldades que o sujeito-mulher<sup>3</sup> enfrenta na tentativa de se inserir nos mais diferentes espaços, assim como, na educação de forma igualitária, além dos imaginários construídos sobre elas ao longo da história a partir do conceito de *histeria*. Com isso, recorreremos à Análise do Discurso (AD) de vertente materialista desenvolvida por Michel Pêcheux, assim como, ao conceito de ideologia trazido pelo autor Louis Althusser com o intuito de compreender o processo sócio-histórico que motivam tais determinações ideológicas.

Nesse caso, a escolha desse tema se deu em virtude da dificuldade que as mulheres sempre tiveram de ocupar lugares sociais, que envolvem determinados níveis de poder e prestígio, como a escola, o ensino superior ou até mesmo o ambiente de trabalho. Dito isso, há um reflexo da educação dos tempos coloniais no Brasil e podemos perceber isso quando nos deparamos com histórias contadas pela ótica das classes dominantes em que a figura masculina é tida como cheia

---

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa - Unipampa | E-mail: larissamartins.aluno@unipampa.edu.br

2 Doutora. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa | E-mail: suzanajesus@unipampa.edu.br

3 O sujeito-mulher é um sujeito que é significado na sociedade enquanto mulher e que busca, constantemente, se ressignificar.

de privilégios, enquanto as mulheres são colocadas como subordinadas às escolhas, bem como, aos interesses dos homens. E como muitos desses discursos ainda seguem sendo reproduzidos, as mulheres ainda continuam sendo tratadas com inferioridade.

Portanto, a partir desse tema, iremos refletir sobre a inserção das mulheres no ensino, assim como, o discurso de resistência delas que vem romper com as estruturas sociais dominantes ao longo da história e através das “condições ideológicas da produção/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 191). A partir disso, iremos entender de que forma o corpo aparece como um meio de resistência, assim como, as condições da mulher na sociedade e na historiografia a partir, também, do conceito de *histeria* e as consequências da origem do transtorno sobre as mulheres.

## **As representações das mulheres na história: o mito da histeria feminina**

A história das mulheres sempre foi marcada por grandes transformações sociais, tendo como foco a luta por direitos políticos, sociais, reprodutivos, entre outros. Fato que persiste até hoje, visto que, por mais que existam leis prevendo uma igualdade entre os gêneros, as mulheres ainda sofrem com o machismo estrutural, que surge como um eco às opressões sofridas por elas desde o início dos tempos, já que elas foram privadas de reivindicar determinadas funções, tanto na vida econômica, quanto política, cultural ou intelectual, sendo obrigadas a assumir o papel de mãe e esposa, enquanto os homens eram contemplados por sua existência e colocados em uma relação de poder sobre elas. Além disso, as mulheres tinham menos autonomia e controle familiar, assim como, a própria sexualidade era reprimida, já que não eram validados socialmente o contato físico ou a demonstração de afeto pública.

Sendo assim, nos setores mais populares era possível encontrar casais nas ruas de mãos dadas, porém, isso não era bem visto pelas famílias mais tradicionais. Com isso, fica evidente a intervenção do Estado na regulamentação de leis que impedia cada vez mais as mulheres de exercer seus direitos, na qual, elas eram obrigadas a se casar tendo a responsabilidade de sua vida sendo passada de seu pai ao marido.

Nesse sentido, há quem diga que o feminismo surgiu na França<sup>4</sup> com a Revolução Francesa<sup>5</sup>, na qual as mulheres lutaram junto aos homens pelo preço do pão, do trigo e a escassez de alimentos. Dessa forma, tanto os homens quanto as mulheres da época condenavam aquelas que se arriscavam na esfera política, a partir do entendimento de que essas não deveriam se apossar dos símbolos masculinos, então, as mulheres deveriam se ocupar apenas de assuntos domésticos e não políticos. No entanto, quando elas começaram a questionar sobre a participação nas assembleias oficiais e pedir medidas que atendessem as

---

4 Há um efeito de sentido sobre o surgimento do feminismo na Revolução Francesa. No entanto, as mulheres já vinham se manifestando pela igualdade de gênero há algum tempo.

5 A Revolução Francesa teve início no ano de 1789 e terminou em 1799.

demandas das mulheres, elas passaram a ser vistas como ameaças à unidade do poder jacobino. Assim, após a queda da Bastilha (1789), surge a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, documento que garantia os direitos individuais e coletivos aos homens, sendo influenciado pela doutrina dos direitos naturais<sup>6</sup>, na qual, as mulheres, assim como os pretos e pardos foram excluídas, não sendo reconhecidas tais como os homens. E a maior parte das figuras femininas presentes na revolução, acabaram sendo riscadas dos escritos oficiais. Por isso, Mary Del Priore (1989) dirá que “o século das luzes ilumina precariamente as mulheres, para melhor enquadrá-las” (p. 93).

Em seguida, houve uma mobilização de mulheres após a Revolução Industrial, que ficou conhecida como a Primeira Onda do feminismo, em luta pelos direitos das operárias e participação política, questões que já vinham sendo discutidas ou até mesmo sendo concedidas aos homens. Logo depois, teve início a Segunda Onda, em meados dos anos 50, chegando ao fim nos anos 90, na qual, as mulheres buscaram discutir sobre a liberdade da condição feminina, sexual e direitos reprodutivos.

Um aspecto importante a ser mencionado aqui é que a maioria das feministas radicais dessa época eram brancas de classe média ou alta, em grande parte já inseridas na academia, por isso, nem todas eram contempladas com relação às demandas solicitadas durante os atos. Nesse caso, aos poucos as mulheres lésbicas, a classe trabalhadora, assim como o feminismo negro cresce enquanto movimentos independentes. Vale lembrar que essas mulheres já vinham se mobilizando desde a primeira onda, mas não ganharam visibilidade naquele período.

No entanto, os corpos das mulheres sempre foram estigmatizados a partir da crença de que elas possuem menos força e capacidade de levantar objetos pesados ou realizar exercícios físicos, assim, sendo tido como *sexo frágil*, ainda que esse entendimento seja um tanto confuso, pois:

Desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a ‘fraqueza’ só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. (BEAUVOIR, 1970, p. 58).

Além disso, alguns filósofos consagrados acreditavam que os órgãos femininos faziam da mulher um ser inferior ao homem. Nesse sentido, alguns médicos passaram a considerar doenças nervosas como anorexia, depressão ou histeria como resultados dos desejos reprimidos das mulheres, já que na época, elas eram obrigadas a apresentar em seu comportamento uma certa doçura, passividade e submissão, sendo obrigadas a se colocar sob a proteção de uma figura masculina. Trata-se, nesse caso, de uma naturalização de um discurso machista que se constitui a partir da ideologia do patriarcado. No entanto,

---

<sup>6</sup> Os direitos naturais é uma teoria que considera o direito natural como um meio de avaliar o que é razoável ou não de forma universal, levando em conta a natureza humana.

A ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. (BEAUVOIR, 1970, p. 184).

Esse comportamento de posse dos homens sobre as mulheres faz com que elas tenham uma visão negativa sobre si, na qual, elas passam a questionar suas identidades, assim como, as próprias vontades, por meio dos imaginários criados para elas, fazendo com que não percebam o próprio assujeitamento, tendo em vista que o sujeito “não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao outro, ou ao sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia” (PÊCHEUX, 1995, p. 163). Por isso, muitos irão pensar que suas decisões são tomadas de forma consciente ou que decidiram algo por conta própria sem a interferência do *outro*.

Nesse período, as mulheres se sentiam tão aprisionadas pelos papéis impostos à elas que e as que contestavam eram tomadas como *histéricas* e como consequência disso, eram enviadas para hospitais psiquiátricos a fim de receber algum tratamento. Nesse caso, a histeria<sup>7</sup> era associada à repressão sexual sofrida pelas mulheres, caso que mais tarde foi estudado por Sigmund Freud<sup>8</sup>, que entendia que os sintomas estavam relacionados à inibição de impulsos libidinosos, estando ligados também a uma memória traumática.

Nesse caso, a doença era relacionada ao sujeito-mulher, ou seja, ao corpo feminino, pois acreditavam que as crises aconteciam quando o útero da mulher estava em movimento. Dito isso, aqui o corpo assume um “papel fundamental na constituição da subjetividade contemporânea, produto de uma ideologia que mantém as divisões por detrás da imagem de unificação” (RADDE, 2013, p. 2), pois ele produz sentido por ser um corpo, e produz novos sentidos a partir das novas significações atribuídas por outros, nesse caso, por uma ideologia dominante. Por esse motivo, os imaginários construídos sobre o sujeito-mulher passaram a ser uma herança associada ao feminino enquanto falta de controle, por parte da mulher, as quais seriam regidas por mudanças hormonais apresentadas pelo corpo. Nesse sentido, o termo segue sendo reproduzido e vinculado às mulheres como uma forma de depreciar ou apontar qualquer atitude das mulheres como inadequadas. E esses discursos ainda acontecem pois estão em circulação por meio das mais diferentes ideologias, isso porque “todos aparelhos ideológicos de um Estado contribuem de maneira geral para a reprodução das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 145), garantindo a cristalização de sentidos sobre o sujeito.

A histeria, portanto, era utilizada para enquadrar as mulheres em uma patologia, sendo um meio de tomar sua liberdade, evitando que essas tivessem ideias revolucionárias ou minimamente expressassem seus desejos, pois o diagnóstico era um meio de aprisionar e isolar as mulheres - um

---

7 O termo tem origem na Grécia e em sua tradução original é apresentado como *histerus* que significa útero. Na idade média, a palavra era associada à bruxaria, fazendo muitas mulheres irem à fogueira. Mais tarde alguns médicos descobrem que a histeria é uma doença que afeta tanto os homens quanto as mulheres.

8 O autor apresenta suas teorias sobre a histeria nas obras *A histeria* (1968) e *Estudos sobre a histeria* (1895) publicado por Freud e Breuer.

princípio comum daquilo que Silvia Federici (2017) denominou de ‘caça às bruxas’. Assim, “os defeitos femininos não passavam de uma resposta às injustiças de que eram vítimas as mulheres, reduzidas à existência dentro do casamento e da maternidade” (PRIORE, 1089, p. 91), com isso, seus corpos reprimidos apresentavam sintomas que indicavam, inconscientemente, a não aceitação do sujeito sobre tal situação. Isso acontece porque “os corpos mobilizam enunciados a fim de desestabilizar esse efeito de evidência de sentido proveniente de uma formação discursiva machista e que parece persistir no imaginário social contemporâneo” (RADDE, 2013, p. 3). Assim, o sujeito esquece seu assujeitamento pela ideologia, e com isso, por meio do recalque do inconsciente o sujeito-falante não irá “por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 173).

Sherry B. Ortner, em um texto bastante conhecido, publicado na década de 1970<sup>9</sup>, pontua que o corpo da mulher e suas funções a deixaria mais próxima da natureza e do doméstico. De outro lado, o corpo do homem e suas funções, não ligadas diretamente à reprodução e cuidado, lhe possibilitaria estar mais próximo da cultura, dos lugares públicos, dos espaços de tomada de decisões (ORTNER, 1979).

Nesse cenário, iremos nos deparar com o conceito de histeria ou mesmo de ‘natureza feminina’, também, na atualidade quando, em meio a uma discussão entre homens e mulheres ou até mesmo entre mulheres, a mulher é chamada de histérica por falar ‘mais do que deveria’, por apresentar emoções ou sair um pouco do que é esperado do comportamento padrão - sendo este, o comportamento vinculado ao âmbito da cultura e, portanto, reconhecido socialmente como um comportamento masculino. Dito isso, esses discursos servem para invalidar uma opinião, pois partem do entendimento de que uma mulher histérica seria incapaz de tomar as próprias decisões ou ser racional diante de qualquer assunto.

Por esse motivo, e até mesmo por essas questões não terem sido resolvidas na Segunda Onda, nasce a Terceira Onda (1990) do feminismo, afim de tratar de assuntos como o estupro, emponderamento feminino e sexualidade. E aqui as mulheres negras ganham espaço, trazendo ideias voltadas à classe, raça, etnia, sexualidade e ancestralidade, com o intuito de fortalecer a identidade negra, em especial, da mulher negra.

Nesse contexto, as mulheres passaram a perceber que o sexo era algo político por terem suas decisões tomadas por homens. Dessa forma, os movimentos se expandiram por diversos países a partir de coletivos feministas em luta por igualdade de gênero. A partir disso, as mulheres, enquanto sujeito político adquirem “a capacidade de produzir cenas polêmicas, demandas e discursos em confronto que fazem ver a contradição dos dois sujeitos em conflito e suas lógicas em colisão” (INDURSKY, 2002, p. 125) por meio das manifestações, a fim de romper com a ideologia do patriarcado.

---

<sup>9</sup> Está a mulher para o homem, assim como a natureza para a cultura? (1970).

## Mulheres no ensino

Partindo das considerações já feitas aqui, podemos considerar a desvalorização das mulheres tanto no ensino, quanto no ambiente de trabalho, pois foi um caminho árduo até que as mulheres pudessem de fato ter acesso à educação. Nesse caso, devemos lembrar que a representação das mulheres na história torna-se precária, visto que, por muito tempo elas foram deixadas de lado e até mesmo excluídas dos dados historiográficos. Com isso, tendo a história contada por homens, elas passam a aparecer em uma relação de poder diante dos acontecimentos, já que, “a história foi feita por quem ela representa e para aqueles que por ela estão representados, os homens” (SOUZA, 2019, p. 10). Assim como ela é “assegurada pelo exercício do poder de Estado nos Aparelhos de Estado, no aparelho (repressivo) de Estado, por um lado, e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1980, p. 54) que define o que pode e o que deve ser dito.

Nesse sentido, apesar das mobilizações de mulheres que surgirem ao longo dos tempos, fazendo com que o feminismo ganhasse cada vez mais espaço, as desigualdades seguem em relação às mulheres no mercado de trabalho. Até mesmo quando as mulheres puderam atuar em suas profissões sofriam ataques ou exclusões por parte dos homens. Lembrando aqui que as mulheres de classes sociais mais baixas já trabalhavam há muito tempo, no entanto, em lugares insalubres, sem o mínimo de saneamento básico e tendo o salário mais baixo que o dos homens, o que se repete até hoje em muitas empresas, pois como Althusser (1970) aponta, há:

Uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade (para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, «pela palavra», a dominação da classe dominante. (ALTHUSSER, 1970, p. 21-22).

E a reprodução desses discursos reforçam a dificuldade que as mulheres enfrentam em busca da emancipação feminina, visto que, reforçam os imaginários construídos sobre as mulheres de que elas não são capazes de exercer as mesmas funções que os homens. E isso se reflete também na educação, pois nem sempre as mulheres tiveram acesso às escolas ou sequer aos estudos e quando a educação era dada em casa, muitas não recebiam o mesmo conhecimento que os homens, pois, a princípio, os estudos eram voltados para as atividades do lar, por isso, apesar das primeiras escolas no Brasil terem surgido em 1530 com a chegada da primeira expedição portuguesa, foi somente em 1827 que surgiu uma lei, a Lei Geral<sup>10</sup> decretada em 15 de outubro por Dom Pedro I, que dava às mulheres a autorização para ingressarem nas escolas além do primário, sendo um marco na educação feminina. A demora na concessão desse direito se deu porque os portugueses entendiam que o sexo feminino fazia parte do *imbecilitus sexus*<sup>11</sup>, categoria

10 Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim..-15-10-1827.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim..-15-10-1827.htm)>. Acesso em: 10 dez. 2022.

11 Em sua tradução: Sexo imbecil.

a qual pertenciam as crianças e pessoas que apresentavam problemas neurológicos. Por esse motivo, a lei não garantia que as mulheres fossem excluídas dentro do espaço escolar e isso mostra que na escola é possível encontrar a reprodução desses discursos também, pois:

A Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam «saberes práticos» mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da «prática» desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos «profissionais da ideologia» (Marx) devem estar de uma maneira ou de outra «penetrados» desta ideologia, para desempenharem «conscientosamente» a sua tarefa - quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus «funcionários»). (ALTHUSSER, 1890, p. 22).

Nesse sentido, outras instituições como a religião, política e meios de comunicação vetaram a participação feminina. Apesar disso, com o tempo é fundado o primeiro jornal para mulheres, em 1852 com o *Jornal das Senhoras*<sup>12</sup> que apresentavam conteúdos que motivaram a libertação das mulheres em seus lares, mas ainda assim, existia um controle presente e a insistência em fortalecer o imaginário social sobre as mulheres, pois grande parte do conteúdo trazido ali era relacionado a moda, às normas, culinária e etiqueta com o intuito de criar o tipo ideal de mulher. Dito isso, é evidente que esses jornais não refletiam de forma crítica sobre as necessidades reais das mulheres como a condição de subalternidade ou inferiorização das mulheres no mercado de trabalho, isso porque se tratavam de jornais conservadores que consideravam as mulheres apenas como um público consumidor<sup>13</sup>. Além disso, as mulheres não poderiam ir contra o conteúdo programático, visto que, as revolucionárias eram tidas como loucas e *histéricas* por não obedecerem seus maridos.

O acesso à faculdade só foi possível em 1879 por meio da permissão do governo. Mesmo assim, o desejo das mulheres em ocupar esses espaços não foi o suficiente, pois as mulheres solteiras deveriam apresentar uma licença dos pais, já as casadas tinham a autorização por escrito do marido, por isso, o número de mulheres que chegava ao ensino superior era muito baixo, pois o ideal seria casar, engravidar, ter filhos e dedicar-se inteiramente à família. Além de todo o preconceito da sociedade, elas não frequentavam cursos preparatórios, o que dificultava ainda mais o ingresso das mulheres em um curso superior. Contudo, só houve melhorias no acesso à educação após o desenvolvimento industrial que fez com que houvesse um aumento na procura de escolas de ensino médio com o objetivo de preparar as mulheres para o setor de serviços, já que era tido como mão de obra barata. Por isso, “mesmo quando conseguiam concluir os estudos básicos, as mulheres deparavam-se com dificuldades e barreiras à entrada no ensino superior” (PESSOA; VAZ; BOTASSIO, 2021, p. 3).

Logo depois, o acesso às universidades e a diversificação dos campos de trabalho foi aos poucos se ampliando, porém, mesmo as mulheres ocupando, na atualidade, mais da metade dos números de inscritos no curso de graduação, elas ainda sofrem com o machismo estrutural dentro

12 Logo depois, surge outros jornais feministas como o *Bello Sexo* em 1862 e o *Sexo Feminino* em 1873.

13 Recentemente vemos essa exclusão por meio das revistas de moda em que os editores, em sua maioria, são homens.

e fora das universidades. Em razão disso, “estar nesse lugar de saber exige das mulheres docentes um empreendimento de energias bem superior aos seus pares masculinos, para se legitimarem sujeitos de saber” (FURLIN, 2021, p. 3).

O estereótipo entre ambos os sexos são reforçados na universidade, visto que, as características como competitividade e racionalidade são associadas aos homens, assim como a afetividade e empatia são consideradas como femininas, e isso é retomado até mesmo em uma entrevista de emprego, pois essas características são as mais valorizadas no mercado de trabalho, por isso, as atribuições dadas as mulheres acabam barrando a atuação delas em atividades mais técnicas ou tidas como racionais. Há casos em que elas passam a não se identificar com esses estereótipos, mas mesmo assim evitam seguir na área, pois passam a ter uma visão negativa sobre si, tendo inseguranças a partir desse imaginário construído para elas. Trata-se de uma memória discursiva que:

Fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em relação como sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito. (PÊCHEUX, 1995, p. 164).

Nesse sentido, esses imaginários passam a interferir na subjetividade do sujeito, fazendo com que elas internalizem os seus desejos e escolham um curso a partir das determinações sociais porque passam a crer que não estariam aptas a assumir um curso com um viés mais científico. Com isso, ao ingressar em um curso que é tido como mais adequado ao gênero masculino, muitas mulheres se sentem reprimidas, enquanto outras sequer percebem o seu assujeitamento, no entanto, só de estar ali essas mulheres sinalizam com o próprio corpo, que ocupa esses espaços, a sua resistência em frente à opressão. Dessa forma, o corpo aparece aqui como uma materialidade significante que significa por ser um corpo, nesse caso, do sujeito-mulher, e que se ressignifica por estar em um lugar no qual o sujeito não é aceito. Por isso, Orlandi (2011), irá dizer que um “sujeito em silêncio se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio” (ORLANDI, 2011, p. 86), resultando em novos sentidos. Já aquelas que ousam apresentar um comportamento que vai contra os princípios da sociedade, como não se calar quando um professor oprime sua fala diante da turma, é excluída dos demais grupos. Assim, é muito comum vermos em sala de aula as alunas terem suas falas anuladas, enquanto um homem reproduz o que foi dito antes levando todo o crédito. E esses discursos contra as mulheres não se distanciam tanto dos antigos métodos de exclusão pensados para invalidar seus posicionamentos.

À vista disso, “politizar o sexo e a vida cotidiana, preocupando-se com a ideologia da cultura de massas e com as políticas de identidade torna-se intelectualmente relevante” (TOMAZETTI; MARCONI, 2017, p. 574), pois na medida em que as mulheres passam a se manifestar, suas demandas ganham visibilidade, assim como, elas deixam de ser um *objeto simbólico* dos interesses masculinos.

## Considerações finais

A partir da escrita desse artigo, foi feita uma reflexão sobre a desigualdade de gênero e os imaginários construídos sobre as mulheres, tendo como base os conceitos da AD, assim como o conceito de *histeria*, que está intimamente ligado à visão negativa sobre o comportamento feminino. Dessa forma,



foi possível desencadear algumas discussões a partir da temática, com o intuito de entender os efeitos de sentidos produzidos sobre as mulheres por meio de alguns acontecimentos históricos.

Desse modo, recorreremos à historicidade das lutas das mulheres para entender as condições de produção dos discursos que vêm determinando sentidos sobre o sujeito-mulher. Com isso, entendemos que a problemática das mulheres está inteiramente ligada ao âmbito político, visto que, por fim, os aparelhos ideológicos irão garantir a reprodução de discursos sobre as mulheres que reforcem os sentidos de que a mulher é intelectualmente inferior aos homens. Por isso, ao longo da história foram criadas doenças ou crenças para aprisionar as mulheres no lar.

Sendo assim, essa pesquisa oportuniza a compreensão sobre os imaginários construídos sobre as mulheres em função de uma ideologia dominante, bem como, esses imaginários colaboram até hoje para a exclusão delas em diferentes espaços. À vista disso, a educação se torna importante, pois através dela é possível vincular o sujeito à cultura escolar, assegurando a consciência sobre a igualdade de gênero na tomada de decisões, visto que, a educação é tida, na atualidade, como uma ferramenta política que proporciona acesso à aprendizagem.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Esperança, 1970.
- DEL PRIORE, Mary. No século das Luzes, mulheres à sombra... - A condição feminina e a Revolução Francesa. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, jan./jun. 1989
- FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FURLIN, Neiva. A produção acadêmica de mulheres professoras no campo do saber teológico: sujeição ou subjetivação ética? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, p. 1-20, 2021.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no Movimento dos Sentidos**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.
- ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem, assim como a natureza para a cultura? *In*: LAMPHERE, Louise; ROSALDO, Michele. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. 2 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1995.
- PESSOA, Maria. VAZ, Daniela. BOTASSIO, Diego. Viés de gênero na escolha profissional do Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 51, p. 01-22, 2021.
- SILVA, Magali. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. **Analytica**, São João del-Rei, v. 1, n. 1, p. 45-72, jul./dez. 2012.
- TOMAZETTI, Tainan; MARCONI, Dieison. Do cultural ao queer: a contribuição dos Estudos Culturais para pensar as relações de gênero nos estudos em comunicação. **Razón y palabra**, [s.l.], v. 21, n 2, p. 566-584, abr./jun. 2017.